



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**Padrões de escolha do parceiro ideal para a constituição de relações de “namoro” em
adolescentes e jovens na cidade Maputo**

Monografia a ser apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção
do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Ana Ginoca Castigo Ngoma

Supervisor:

Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Outubro de 2021

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Padrões de escolha do parceiro ideal para a constituição de “namoro” em
adolescentes e jovens na cidade Maputo

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Ana Ginoca Castigo Ngoma

Supervisor:

Dr. Baltazar Muianga

O Júri

O supervisor

O (A) presidente

O (A) oponente

Maputo, aos _____ de _____ de 2021

Declaração de Honra

Declaro ser a autora desta Monografia, que constitui um trabalho original e inédito, que nunca foi submetido (no seu todo ou qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas.

(Ana Ginoca Ngoma)

Dedicatória

Dedico esta monografia ao meu pai Castigo Francisco Ngoma em memória, que Deus o tenha.

Agradecimentos

Primeiro, agradeço a DEUS, todo poderoso e protector, por me ter acompanhado durante toda a minha jornada académica.

Agradeço, ao meu supervisor Dr. Baltazar Muianga, que teve toda a paciência da vida e incentivou, tornando possível a finalização deste trabalho.

Aos meus pais Castigo Francisco Ngoma (em memória) e Adélia Julio Matusse, pelos ensinamentos, pelo amor incondicional e sempre estiveram ao meu lado e não deixaram desistir nunca dos meus sonhos. Muito *Khanimambo*.

A minha família, por acreditar na minha capacidade e por me incentivar a todo instante, pois sabem o quanto representa este trabalho para minha vida. As minhas irmãs: Inocência, Lucinda e Varcelia pelo carinho, apoio e amizade, por todos os momentos em que passamos juntos, pelas conquistas compartilhadas.

Ao meu cunhado José Camilo Manusse por terem acreditado em mim e oferecido incentivo e encorajamento sem os quais não teria investido neste trabalho.

Ao meu namorado, que sempre teve orgulho dos meus estudos, que me incentivou quando pensava que não conseguiria, que me abraçou e me acalmou quando mais precisei, com certeza tem uma parte dele aqui em cada linha, te agradeço imensamente por estar ao meu lado, eu te amo.

Agradecer a todos adolescentes e jovens que participaram neste estudo, cuja coragem em partilhar a sua história, tornou este trabalho exequível.

Que a leitura deste texto motive a todos que a fizerem, da mesma forma com que ele foi escrito. Como diria Renato Russo: “Algumas coisas não precisam fazer sentido, basta valer a pena”.

Resumo

Em todos os momentos de nossas vidas estabelecemos relações e os sentimentos envolvidos nessas relações dependem tanto de significações que elas tiveram. Assim, quanto mais positivas forem as relações que estabelecemos com nossos pares, mais nos envolvemos e nos comprometemos com as situações que se apresentarem. A partir de pesquisa qualitativa, este trabalho tem por objectivo analisar os padrões usados por adolescentes e jovens para a escolha do parceiro ideal na constituição de relacionamentos afectivos. Os dados empíricos para a realização deste estudo foram apreendidos através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas, com os oito adolescentes e jovens de ambos os sexos, com idades entre 16 e 20 anos. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Como resultado, os jovens apontam que os relacionamentos actuais baseiam-se na individualidade, busca do romantismo e a satisfação dos interesses. Eles procuram em uma relação: confiança, respeito, beleza e alguém com um bom futuro profissional. Os jovens também acreditam que o medo da responsabilidade e do constante investimento em uma relação poderá dificultar o relacionamento. Concluiu-se que, os jovens aderem e defendem determinados valores com base nos quais orientam as suas acções dentro da sua relação amorosa, orientando o sentido que esta deve seguir e satisfazer os interesses do outro; construção de vida em dois e companheirismo; compromisso e satisfação.

Palavras-chave: relações afectivas, padrões sociais, parceiro ideal e satisfação dos interesses e companheirismo.

Abstract

At all times in our lives we establish relationships and the feelings involved in these relationships depend so much on the meanings they had. Thus, the more positive the relationships we establish with our peers, the more we get involved and commit to the situations that arise. Based on qualitative research, this work aims to analyze the patterns used by adolescents and young people to choose the ideal partner in the constitution of affective relationships. The empirical data for this study were collected through the application of semi-structured interviews, with eight adolescents and young people of both sexes, aged between 16 and 20 years. Data were subjected to content analysis. As a result, young people point out that current relationships are based on individuality, the pursuit of romanticism and the satisfaction of interests. They look for in a relationship: trust, respect, beauty and someone with a good professional future. Young people also believe that fear of responsibility and constant investment in a relationship can make the relationship difficult. It was concluded that, young people adhere to and defend certain values based on which they guide their actions within their love relationship, guiding the direction that this should follow and satisfy the interests of the other; building life in two and fellowship; commitment and satisfaction.

Keywords: affective relationships, social patterns, ideal partner and satisfaction of interests and companionship.

Índice

Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	8
Capítulo I. Revisão da literatura.....	12
1.1. Problema de pesquisa.....	18
Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual.....	20
2.1. Quadro teórico.....	20
2.2. Definição e operacionalização dos conceitos.....	22
2.2.1. Relações de namoro.....	22
2.2.2. Padrões sociais.....	23
Capítulo III. Metodologia.....	24
3.1. Método de abordagem.....	24
3.2. Método de procedimento.....	25
3.3. Técnicas de recolha de dados.....	25
3.4. Universo e amostra do estudo.....	26
3.5. Questões éticas.....	26
Capítulo IV. Análise e interpretação dos dados.....	28
4.2. Os atributos do tipo ideal de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens.....	29
4.2.1. Escolha do parceiro com base no futuro profissional.....	29
4.2.2. Escolha do parceiro com base na Beleza.....	30

4.2.3. Escolha do parceiro com base no Amor.....	31
4.3. Valores e regras que orientam a constituição das relações afectivas entre os adolescentes e jovens.....	33
4.4. Situações sociais que condicionam o estabelecimento de relações afectivas na escolha do parceiro ideal.....	41
Considerações finais.....	46
Referências bibliográficas.....	48
Anexos.....	50

Introdução

As relações afectivas ou de namoro têm sido um espaço privilegiado para estudar as várias formas como os indivíduos produzem unidades sociais num contexto contemporâneo em que os laços sociais são caracterizados, predominantemente, pela sua fragilização. Com o trabalho, pretendemos estudar especificamente a formação de relacionamentos de namoro sob ponto de vista da escolha do parceiro considerado ideal para a constituição desses relacionamentos.

A escolha do parceiro ideal, esteve sujeita a diferentes padrões sociais de referência, condicionando os indivíduos a recorrerem aos critérios de selecção ou a valorizar certos atributos no parceiro, com o qual pretendem constituir uma relação afectiva ao longo das sucessivas épocas do desenvolvimento das sociedades. Podemos fazer uma retrospectiva breve sobre esses momentos.

Pereira e Silva (2013), afirmam que no período feudal havia o forte domínio das instituições religiosas que impunham quadros normativos para orientar as acções e relações sociais. Com efeito, as relações afectivas estavam fortemente submetidas ao controlo dos valores e normas religiosos, sendo que, os moralistas reprimiam e recriminavam o amor excessivo e o prazer. Neste sentido, a escolha do parceiro para a constituição do relacionamento afectivo deveria ser orientada com base nos preceitos religiosos, não existindo espaço para a manifestação da subjectividade dos indivíduos.

As mudanças na sociedade feudal levaram ao surgimento do capitalismo, época dominada pela moral burguesa. De acordo com Pereira e Silva (2013), a moral burguesa, fundada no consumo e no acúmulo do capital, provou o enfraquecimento da moral religiosa, oferecendo aos indivíduos novos padrões de referências para a selecção do parceiro ideal para a constituição da relação afectiva. Esses padrões significam que, os parceiros ideais deveriam ser escolhidos tendo em conta os interesses de classe e só depois os interesses pessoais, logo, as semelhanças ou diferenças de classe e posses financeiras seriam critérios de selecção do parceiro ideal.

Seguiu-se na sequência histórica Revolução Francesa e a industrialização que, segundo Lima (1999), foram uma oportunidade para a constituição de relacionamentos afectivos com base no amor romântico, onde o parceiro deveria ser escolhido com base na subjectividade, tornando o amor e o crescimento pessoal, companheirismo, cumplicidade e respeito como princípios e

sentimentos indispensáveis, que eram valores dominante na modernidade. Este tipo de relacionamento foi, até certo ponto vivenciado, tendo sido, a curto prazo, afectado pelas mudanças rápidas e radicais inerentes à pós-modernidade.

Na pós-modernidade, os quadros sociais de referência foram radical e profundamente para a constituição das relações afectivas, onde houve a fragilização dos valores religiosos (Carpenedo e Koller, 2004). Os conceitos de individualização (Giddens, 1991), sujeito (Touraine, 1974), autonomia e incerteza (Bauman, 2001), foram sendo sugeridos e aplicados em estudos para melhor compreender os novos padrões de constituição de relacionamento afectivos. Consequentemente, os padrões de referência para a escolha do parceiro ideal anteriores vão perdendo sua força e funcionalidade, dando origem a uma multiplicidade de padrões mobilizados e aplicados circunstancialmente num ambiente social dominado pela incerteza, tendo sido as categorias mais jovens as mais afectadas (Bauman, 2001; Giddens, 1991).

Ao contrário do que afirmam os autores acima supracitados, o argumento de Russo e Viera e Stendel (2012), parecem estar mais próximo da realidade, na medida em que reconhecem que os indivíduos podem seguir, simultaneamente, padrões burgueses e modernos, combinando as posses financeiras e o romantismo como critérios para a selecção do parceiro ideal na constituição das relações afectivas. Não obstante, aproximamo-nos destes dois últimos autores, à luz do nosso postulado, pelo facto de, trazer compreensões que espelham uma parte significativa da realidade social contemporânea.

Face a estas transformações, na contemporaneidade não se pode afirmar preceituosamente os padrões sociais de selecção do parceiro ideal a serem aplicados num contexto social específico, o que pode depender de vários factores tais como circunstâncias, interesses, constrangimentos, funcionalidade, entre outros. É neste contexto, que se propõe a realização de um estudo que, com o, tem como foco aos padrões sociais de referência que os indivíduos adoptam para escolher o seu parceiro ideal, na qual há predominância da incerteza na constituição das relações afectiva dos adolescentes e jovens nas sociedades contemporâneas.

Com base no exposto, a realidade contemporânea oferece uma oportunidade para compreender a construção ou adopção de padrões de escolha de parceiro, aprofundando a sua variação circunstancial e razões que levam a adopção daquele ou deste padrão. Para realização desse empreendimento, questionamos sobre os atributos que os adolescentes e jovens adoptam para

escolher o seu parceiro ideal na constituição das suas relações afectiva. Desta forma, temos a seguinte questão de partida: *Que atributos são adoptados por adolescentes e jovens para a escolha do parceiro ideal na constituição de relacionamentos afectivos?* Como resposta provisória ao problema acima colocado, adoptamos a seguinte hipótese: *os sentimentos de afecto, do respeito aos interesses individuais e o desenvolvimento profissional, são atributos adoptados por adolescentes e jovens para a escolha do parceiro ideal na constituição dos relacionamentos afectivos.*

O trabalho tem como objectivo geral *analisar os padrões adoptados por adolescentes e jovens para a escolha do parceiro ideal na constituição de relacionamentos afectivos.* Entende-se que para a realização desse objectivo, torna-se necessário *identificar os atributos do tipo ideal de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens; a descrever os valores e regras que orientam a constituição das relações afectivas entre os adolescentes e jovens e; descrever os factores sociais que dificultam a constituição das relações afectivas entre os adolescentes e jovens na escolha do parceiro ideal.*

A escolha do tema foi através do contacto que tivemos com a literatura, onde se abordava sobre as transformações que o amor vem sofrendo nas sociedades da modernidade tardia (Giddens, 1991), ou pós-modernidade (Lyotard, 1959), dependendo da designação que cada autor usa. Ao longo desta leitura, constatamos que os argumentos convergiam no reconhecimento para o desenvolvimento de uma relação. Este contacto despertou o interesse para a compreensão mais profunda desta realidade, tendo como foco a realidade moçambicana.

A relevância sociológica deste estudo, reside no lugar que vem sendo atribuído a sociologia. Bauman (1925), segue a linha de Mills (1992), afirmando que a sociologia tem como papel auxiliar o homem a viver as transformações que vêm ocorrendo na realidade, que faz uma autocrítica das estruturas analíticas. Com este estudo, colocamos em prática conceitos teóricos para aplicá-los e estudar a realidade moçambicana, de modo aprofundar a validade heurística e hermenêutica dos conceitos em uso.

Para a interpretação dos dados, recorreremos a teoria da construção da realidade social de Berger e Luckmann (2016), com a qual consideramos que a realidade social, ocorre numa relação dialéctica, onde o homem aparece como produto e produtor da realidade social, combinado com as contribuições de Giddens (1993), que se dedicou a reflectir sobre as transformações e a

construção das relações amorosas nas sociedades que ele designa de modernidade tardia. Esta teoria é aplicada sob um substrato da metodologia qualitativa e recorreremos a entrevista para a recolha de dados.

O trabalho encontra-se organizado em quatro (4) capítulos. Sem constituir um capítulo, temos a introdução, os objectivos do estudo (geral e específicos) e a justificativa. Depois, foi apresentado o problema de pesquisa, a pergunta de pesquisa e a hipótese de estudo. No primeiro capítulo apresentamos a revisão da literatura, onde diferentes autores apresentam os principais delineamentos acerca do tema em questão, a partir da qual formulamos o nosso posicionamento. No segundo capítulo, apresentamos o enquadramento teórico e conceptual, operacionalizando o quadro teórico e definindo os principais conceitos. No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia do estudo onde foi evidenciado os caminhos seguido para a realização do trabalho, desde a sua classificação, universo, amostra e por fim instrumentos usados para a colecta de dados. No quarto capítulo, apresentamos a análise e interpretação dos dados recolhidos no campo. Na parte final do trabalho trouxemos as considerações finais do trabalho, onde trançamos numa só linha, todas as partes que compõem o trabalho, sintetizamos o teste da hipótese e propomos novas linhas de investigação para futuros estudos.

Capítulo I. Revisão da literatura

Realizamos a seguir, a revisão da literatura do trabalho que desenvolvemos junto dos adolescentes e jovens, focando-nos em estudos que tenham sido realizados em torno das relações afectivas em diferentes contextos. Para o efeito, trouxemos estudos realizados nos contextos internacional e nacional, começando por estudos do primeiro e terminando com estudos do segundo contexto.

Os estudos que identificamos, são relativamente à constituição das relações amorosas que incidem sobre diferentes dimensões desse fenómeno, no entanto, em função dos propósitos deste trabalho, optamos por agrupá-los em duas abordagens. A primeira abordagem, é representada por Magaço (2013), Garbin, Cenci e Luz (2015), Amorim (2013), Carpenedo e Koller (2004) que defendem que o dinheiro e amor são aspectos que conflituam no seio das relações amorosas, e a segunda, está representada por Kessier (2013), Russo (2011), Schimitt e Imbelloni (2011) e Vieira e Stengel (2012), assumem que o amor e o dinheiro complementam-se de forma harmoniosa.

Para iniciarmos a nossa exposição, apresentamos o estudo de Magaço (2013), que analisou a sexualidade no espaço escolar sob ponto de vista das relações sexuais e afectivas das raparigas no contexto moçambicano, tendo constatado a existência de valores que orientam a escolha do parceiro, destacando-se a confiança e o conhecimento que se tem em relação ao mesmo. O estudo revela que, a escola é um espaço no qual as raparigas vivenciam experiências de paquera e a prática de relações sociais, seja dentro da escola ou com parceiros de outras escolas.

Ao longo das suas relações, as raparigas constroem e adoptam categorias com base nas quais orientam o seu envolvimento com o sexo oposto. Magaço (Ibidem), destaca as categorias de criança e vivido. A primeira é usada para se referir aquele que não possui larga experiência e é menos activo afectiva e sexualmente e a segunda remete a situação contrária, ou seja, existe uma preferência por rapazes com mais experiência e mais activos.

Garbin, Cenci e Luz (2015), partem do princípio de que vários aspectos podem concorrer para equilibrar e manter a ordem na relação afectiva, dentre eles o financeiro que, decerto, desempenha um papel determinante. No entanto, os autores não ignoram este aspecto, pelo contrário, enaltecem o facto de a presença do dinheiro poder conduzir a conflitos conjugais ao

ponto de influenciar para que ocorra o rompimento da relação. O importante é reconhecer que o dinheiro em si não tem uma natureza inalterável, podendo receber diferentes sentidos no seio de cada relação.

O importante para o debate é compreender como a introdução do dinheiro na relação amorosa conduz a relações conflituosas com risco de ruptura entre as partes envolvidas. Garbin, Cenci e Luz (2015), afirmam que os casais reconhecem a importância do dinheiro para a satisfação das suas necessidades, todavia é a existência de interesse, desejos e motivações divergentes que concorre para a forma como esse capital económico é trocado leve a conflito, afecta o estado da troca do amor. Desta forma, o que está em causa não é a utilização ou não do dinheiro mas sim, a forma como ele é aplicado e trocado, constituindo um desafio, para os casais, fazer a sua gestão, mantendo o equilíbrio relacional.

Neste estudo, consideramos que as relações amorosas estão sujeitas a influências dos quadros normativos e valorativos das sociedades capitalistas, porém, é preciso mais do que um simples levantamento bibliográfico para construir um conhecimento profundo relativamente às relações amorosas quotidianas de modo a sustentar algumas ideias que se têm construído em torno da relação entre o dinheiro e amor. Com efeito, precisamos de trazer outros estudos que defendam a relação conflituosa entre o dinheiro e o amor.

Os factores que garantem a manutenção das relações conjugais interessaram também a Amorim (2013), que olha para as sociedades modernas que acolhem a coexistência de diferentes modelos de conjugalidade, desde o tradicional até os modernos ou pós-modernos. Assim, tanto a família como a religião são quadros de valores que servem de base para a orientação da conjugalidade entre os indivíduos que, por sua vez, é o meio para a construção de uma família futura.

Nesse segundo estudo, o reconhecimento da coexistência de diferentes quadros normativos e valorativos conduz à observação, segundo a qual o elemento central para compreender o ambiente vivenciado nas relações é a prevalência e valorização da liberdade individual. É essa (liberdade individual), responsável pela existência de interesses e prioridades diferentes no seio do casal, que influencia para que na relação amorosa exista quem busque a satisfação do prazer sexual, afecto do seu parceiro e que se interesse simplesmente pelo dinheiro que pode ganhar ao se relacionar.

De acordo com Amorim (2013), é justamente essa divergência de perspectivas que influencia para que exista um desencontro entre o dinheiro e o amor no seio dos casais, pois o individualismo faz com que cada um avalie a sua maneira (segundo seus próprios critérios) a relação na qual está envolvido. Por exemplo, pode-se observar que uma das partes envolvida na relação amorosa valorize o dinheiro, concebendo-o como um aspecto que deve estar presente e dominante na relação a outra pode simplesmente conceber o dinheiro como um aspectos secundário, cuja supervalorização leva a duvidar das trocas sentimentais, pelo que o amor deve constituir o valor supremo.

A forma como sustenta-se a complementaridade conflituosa entre o dinheiro e o amor mostra que não está em causa , o amor nem o dinheiro em si, mas sim, os valores que orientam a sua troca, bem como os significados que cada um desses factores recebe para cada indivíduo. Pode-se falar assim em conflito de valores e percepções, visto serem estas responsáveis pela atribuição de significados. Assim, quanto mais individuais se tornam os interesses mais se torna um desafio a gestão das relações nas quais, tanto o amor como o dinheiro estão presentes.

Trata-se de uma questão de reprodução (conservação, transformação e ruptura) de quadro de valores, desafiando-se os tradicionais. estamos a discutir ainda a primeira abordagem, onde Carpenedo e Koller (2004), defendem quando que os valores tradicionais vão sendo progressivamente abandonados como resultado da transformação dos valores vinculados a vida económica da sociedade baseada, como afirma Simmel (2009), na doutrina das trocas com base no dinheiro.

Podemos compreender, a posição assumida pelos autores com relação a desvalorização dos valores familiares e religiosos por se terem dedicado ao estudo de relações construídas em períodos caracterizados pela intervenção religiosa e familiar. Assim, ao olhar para as relações conjugais na modernidade, ao invés de encontrarem esses valores misturados com novos valores, procuram a prevalência dos valores tradicionais com condição para considerar que não ocorre o abandono de valores religiosos e familiares.

A base de dados de Carpenedo e Koller (2004), foram cartas trocadas no período moderno, tendo observado que os jovens não fazem menção aos aprendizados transmitidos e interiorizados nos espaços religiosos ou mesmo na família. A ideologia capitalista e moderna propala valores

consumistas, introduzindo os seus princípios na vida conjugal, o que, por sua vez, influenciam para que os valores tradicionais percam a sua relevância.

Outros estudos exploram directamente as relações amorosas nas sociedades pós modernas/contemporâneas, demonstrando que estas estão a sofrer transformações, ganhando novas configurações. Referimos aos estudos de – e que podem ser assumidos como representativos de outros com a mesma tendência argumentativa – Schimitt e Imbelloni (2011), e Vieira e Stengel (2012).

Schimitt e Imbelloni (2011), realizaram um estudo com o tema “Relações amorosas na sociedade contemporânea”, no qual tinham como objectivo analisar as relações ao longo da história. O ponto de partida deste trabalho é de que, a sociedade contemporânea é marcada pela fragilidade nas relações, sejam elas amorosas ou não e que há ocorrência da fragmentação da subjectividade, fazendo com que os indivíduos vivam em função da aparência e não daquilo que realmente são. Os autores afirmam que:

“Depara-se nessa sociedade com o carácter descartável, a liquidez dos relacionamentos, da exaltação da quantidade ao invés da qualidade, onde os indivíduos valem mais pelo que aparentam ser no exterior do que pelo lado interior, onde nota-se a diminuição tanto do lado complexo como de envolvimento dos relacionamentos, ocorrendo assim muitos fracassos nessas relações” (Schimitt e Imbelloni, 2011, p.3).

Dentro deste cenário, o amor ganha novas formas de se manifestar e bases de construção. O estudo revela que este sentimento passa a fundamentar-se na atracção sexual e na consumação, podendo-se falar assim em amor instantâneo. Os conceitos de racionalização, impessoalidade e desterritorialização são categorias caracterizantes usadas pelos autores em citação para referir as relações amorosas das sociedades contemporâneas. E, os media e a internet são factores apontados como responsáveis pelo acelerado esvaziamento das relações, que não só tornam-se possível como sustentam as relações rápidas, breves, esporádicas, sem compromisso, descartáveis.

Outro estudo que segue o mesmo sentido foi realizado por Vieira e Stengel (2012), que tem como tema :Ambiguidade e fragilidade nas relações amorosas na pós-modernidade” no qual buscaram compreender os ideais e as práticas amorosas nestas sociedades. Estes partem do princípio de que “a busca de sensações e prazeres corporais, bem como o ideal do sucesso económico faz

com que as relações fiquem empobrecidas. A busca de sensações corporais coloca o sujeito num projecto do prazer no qual o corpo fica em evidência” (p. 4).

Os dados deste trabalho revelam que, as sociedades pós-modernas são dominadas por relacionamentos mais utilitaristas, fazendo com que o amor seja o meio para auto-satisfação e não uma satisfação mútua de todos os actores envolvidos. As relações nas quais os actores sociais envolvidos viviam para o outro, vêm cedendo lugar as relações onde a preocupação com a satisfação do outro torna-se menos relevante. Nestas novas relações a preocupação dos actores sociais envolvidos é a auto-satisfação, não tendo em conta a satisfação do outro.

De acordo com Vieira e Stengel (2012), o amor romântico caracterizado pelo compromisso, fidelidade e eternidade vão sendo gradualmente substituídos pelos relacionamentos esporádicos de pouca duração. Os autores recorrem a expressão amor líquido de Bauman para caracterizar as relações amorosas das sociedades pós-modernas. O ficar constitui uma das práticas amorosas.

O ficar com, afirmam os autores, pode ser considerada como uma fase na qual os parceiros procuram conhecer-se, descobrir afinidades ou mesmo identificar no outro aqueles aspectos que cada um valoriza, pode ser a inteligência, interesses materiais, entre outros aspectos. É nesta ordem de ideias, que os autores entendem o ficar como um espaço no qual frui o prazer sem nenhum envolvimento duradouro, o que faz com que esteja dopado de diferentes significados. Dentro do ficar identificam-se, ainda, práticas de trocas, cobranças entre os casais.

As colocações desses autores são postos em causa pelos estudos que agrupamos na segunda aboragem, que são os de Russo (2011) e Kessler (2013). Estes dois autores aproximam-se pelo facto de ambos defendem que o dinheiro e o amor são factores que podem ser trocados no seio da relação amorosa sem que vivenciem uma relação conflituosa, antes influenciam para que seja uma relação harmoniosa na qual as partes envolvidas assegurem a satisfação dos seus interesses.

Russo (2011), realizou um estudo no qual relaciona de forma específica o amor e o dinheiro, para compreender a influencia que o dinheiro tem no amor na modernidade. O autor parte do pressuposto de que, “a vivência concreta do amor se modificam sob o signo do dinheiro, predominando formas de traços do individualismo moderno, sem o qual, (...) o amor (...) não seja possível em nosso tempo e espaço” (p. 121).

Com este argumento percebemos que, primeiro, a convivência entre o amor e o dinheiro é inevitável; segundo que esses factores influenciam-se uma a outra; e, terceiro, o segundo é uma condição *sin quo non* para a existência do primeiro. Porém, o autor sublinha que o amor também influencia na produção e uso do dinheiro, na medida em que o indivíduo, com base no seu universos cultural, estabelece diferentes sentimentos com o dinheiro.

Observamos uma certa particularidade nesse estudo. Referimo-nos ao facto de, o encontro entre o dinheiro e o amor não ser visto somente como possível, mas também, especialmente, como necessário para que uma relação seja possível nos termos de relacionamentos amorosos nas sociedades contemporâneas modernas/pós-modernas. Desta forma, pode ser relevante perceber em que condições os indivíduos tornam possível esta relação entre o amor e o dinheiro.

A necessidade mútua entre o amor e o dinheiro é uma constatação que distância os estudos desta abordagem com a primeira, pois não toma em consideração a possibilidade de conflito. O que se enaltece é o facto de o amor e o dinheiro podem ser combinados de várias formas em diferentes ou dentro de uma mesma relação, resultando em modo também diferente de vivenciar as relações amorosas.

Kessier (2013), fala no seu estudo de novas formas de relacionamentos amorosos que resultam das transformações que todos os autores reconhecem que estão a ocorrer, tais como a defesa de novos valores, como o individualismo em detrimento dos valores tradicionais. De acordo com autora, o amor é um factor que envolve não só sentimentos, como também movimenta investimentos monetários que se manifesta por intermédio, por exemplo, de pagamentos de viagens. Vemos assim, que o consumo é visto como o espaço de ao mesmo tempo da troca do dinheiro e do amor.

Para designar as relações amorosas como espaço do encontro entre o dinheiro e o amor, a autora recorre ao termo amor-consumo. De forma mais específica, o amor-consumo reflecte aquele tipo de amor que é construído com base no consumo. Desta forma, o amor e dinheiro, o amor e consumo, os sentimentos e o dinheiro são factores característicos das relações amorosas nas sociedades contemporâneas, sendo condições necessárias para a sua realização.

De acordo com Kessier (2013), o amor-consumo é também um espaço de negócio no qual cuja conservação depende da capacidade dos indivíduos em adoptar estratégias de sua orientação com vista a garantir que todos sintam-se satisfeitos. Essas estratégias são interpretadas como tendo

funções protectoras, pois envolvem riscos de desviar o sentido que a relação amorosa pode assumir. Para dizer com isto que a garantia da harmonização do dinheiro e do amor na relação depende das estratégias adoptadas pelos indivíduos.

Após a discussão que realizamos nesta revisão da literatura, podemos apontar que os autores reconhecem que as relações amorosas estão a passar por várias transformações que não só afectam as suas modalidades de realização, como transformam as suas formas tradicionais, dando origem a novas formas.

1.1. Problema de pesquisa

O postulado do estudo que se realizou é o reconhecimento da vasta literatura sociológica de que nas sociedades contemporâneas coexistem diferentes padrões a serem aplicados, separadamente ou simultaneamente, para a escolha do parceiro ideal para a constituição dos relacionamentos afectivos entre os indivíduos. Este posicionamento distancia-nos de autores como Schmitt e Imbelloni (2011), Carpenedo e Koller (2004), entre outros que argumentam que os indivíduos seguem padrões burgueses-capitalistas para a escolha do parceiro ideal para a constituição das suas relações afectivas, tendo as posses financeiras como atributo principal.

Ao contrário do que afirmam os autores acima, o argumento de Russo e Viera e Stendel (2012), parecem mais próximo da realidade, onde há reconhecimento de que os indivíduos podem seguir, simultaneamente, padrões burgueses e modernos, combinados as posses financeiras e o romantismo como critérios para a selecção do parceiro ideal na constituição das relações afectivas. Não obstante, aproximarmo-nos destes dois últimos autores, à luz do nosso postulado, de trazer compreensões que espelham uma parte significativa da realidade social contemporânea.

O que estamos a dizer é que as sociedades contemporâneas são tão complexas que se torna difícil defender a existência e adopção de um ou dois padrões de escolha do parceiro ideal por parte dos indivíduos independentemente das suas circunstâncias. Entendemos que os estudos consultados, não satisfazem as exigências compreensivas da realidade contemporânea por duas razões. Primeiro, os padrões e os critérios que deles derivam, para selecção do parceiro ideal multiplicam-se cada vez mais, podendo fundir-se, resultando na emergência de novos padrões. Segundo, a incerteza apontada por Bauman (2001), e a incrustação da tradição indigitada por Giddens (1991), tornam a adopção desde ou daquele padrão circunstancial. Isto significa que os indivíduos podem recorrer a diversos padrões, dependendo das circunstâncias.

Com base no exposto entende-se que, a realidade contemporânea oferece uma oportunidade para compreender a construção ou adoção de padrões de escolha de parceiro, aprofundando a sua variação circunstancial e razões que levam a adoção daquele ou desde padrão. Para realização desse empreendimento, questionamos sobre os atributos que os adolescentes e jovens adoptam para escolher o seu parceiro ideal na constituição das suas relações afectiva.

Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual

2.1. Quadro teórico

Como referencial teórico, recorreremos a proposta de Berger e Luckmann (2016), designada de Construção social da realidade. Complementamos esta teoria que é base para o nosso estudo com algumas contribuições conceptuais de Giddens (2004), sendo este um autor que se dedicou a reflectir sobre as transformações sobre a construção das relações amorosas nas sociedades que vivencia o que ele designa de modernidade tardia.

Começamos por apresentar e operacionalizar a proposta de Berger e Luckmann (2016), para, numa fase posterior, trazer e conjugar com as contribuições de Giddens (2004). A teoria da Construção social da realidade assenta no pressuposto de que a realidade social, ocorre numa relação dialéctica, onde o homem aparece como produto e produtor da realidade social.

De acordo com Berger e Luckmann (2016), são produtos porque eles nascem e encontram na realidade meios com base nos quais eles tornam membro da colectividade, passando a interagir com outras pessoas; são produtores, na medida em que eles contribuem para a reconstrução os meios que usam para interagir com outros dentro da sociedade.

É neste sentido em que a relação entre os indivíduos e a sociedade é interpretada como uma relação dialéctica. Esse processo ocorre por meio de outros processos, como o de interiorização, subjectivação, exteriorização e institucionalização. Carecemos de aprofundar esses conceitos para melhor compreendermos a forma como operacionalizamos este quadro teórico para o uso no presente trabalho.

De acordo com Berger e Luckmann (2016), a interiorização é o processo com base no qual os indivíduos interiorizam os significados disponíveis na sociedade em forma de tipificações. Essa interiorização ocorre no momento da socialização, basicamente primária por ocorrer na sociedade. Os autores afirmam que a interiorização é feita de forma reflexiva, isto é, os indivíduos não se limitam a reproduzir esses significados, pelo contrário, eles interpretam-nos e reconstroem-nos, o que concorre que seja possível que uma mesma realidade possa receber significados diferentes.

O conceito de subjectivação é usado pelos autores para interpretar a realidade social enquanto uma realidade subjectivada, isto é, que se localiza no interior dos indivíduos. Isto ocorre quando os indivíduos assumem os significados que interiorizaram como a base da condução das suas acções quotidianas. É neste momento em que os indivíduos assumem os significados como a base das suas acções que realizam o processo de exteriorizam.

De acordo com Berger e Luckmann (2016), a exteriorização é o momento no qual os indivíduos tornam a sua subjectividade acessível para os outros, iniciando assim o momento de partilha de significados. A partilha de significados permite a sua objectivação, concebida como o processo pelo qual os indivíduos partilham sentidos e assumem-nos como obrigatório para sua comunicação.

Por fim, devemos referir-nos ao conceito de institucionalização, sendo este o processo pelo qual os significados objectivados sejam disponíveis na sociedade de modo a torná-los acessíveis a outros indivíduos que não tenham participado directamente da sua produção, o que pode ser feito por meio do seu registo em documentos formais ou mesmo existir no seu estado informal, em forma de ditados. Berger e Luckmann (2016), afirmam que a institucionalização é importante porque garante que os significados sejam transmitidos de geração para geração.

Por sua vez, Giddens (2004), na sua obra a transformação da intimidade, apresenta o amor romântico, amor passional e amor passional, como categorias de amor que coexistem nas sociedades contemporâneas. A primeira se refere aquelas relações nas quais valoriza-se o companheirismo, compromisso e tem como finalidade a construção de uma família. A segunda diz respeito a aquelas relações nas quais o envolvimento privilegia a auto-satisfação, seja sexual ou material e os parceiros mantêm-se envolvido enquanto se sentirem satisfeitos. Não existe um projecto futuro da relação e ambos devem concorrer para que o outro se sinta satisfeito, pois disso depende a relação. A terceira categoria de amor é aquela na qual uma das partes envolve-se de forma excessiva na relação, vivendo para garantir mais a satisfação do outro e menos a sua. Trata-se de uma auto-alienação em relação ao outro.

Trazemos estas contribuições de Giddens (2004), de modo a operacionalizarmos as dimensões de cada categoria apresentada pelo autor para construirmos as categorias de relação de namoro construídas pelos adolescentes e jovens. Desta forma, enquanto neste autor buscamos as formas

de relação, a partir de Berger e Luckmann relacionamos essas formas com os respectivos conteúdos dos indivíduos, sendo estes a origem daquelas.

2.2. Definição e operacionalização dos conceitos

Definimos e operacionalizamos aqui quatro conceitos que se mostram relevantes para a delimitação, apreensão e interpretação da realidade sobre a qual incidimos. São os seguintes conceitos: relações de namoro e padrões sociais.

2.2.1. Relações de namoro

Existem diferentes definições sobre relação de namoro. No entanto, muitas delas partilham pontos em comuns e acrescentam outras componentes a esta definição. De um modo geral, a relação de namoro pode ser compreendido como uma relação diádica que envolve interacção social e realização de actividades em conjunto com uma intenção, explícita ou não, de continuar a relação até que uma das partes termine ou até que seja estabelecida uma relação de maior compromisso (por exemplo, casamento ou coabitação) (Straus, 2004).

Já para Murray e Kardatzke (2007), definem relações de namoro como um relacionamento no qual duas pessoas partilham uma ligação emocional, romântica e/ou sexual que ultrapassa a amizade. Estes sujeitos não são casados, não se encontram noivos nem participaram em qualquer género de cerimónia que demonstre um compromisso de vida. É de salientar que esta definição se aplica quer a casais heterossexuais quer homossexuais. Neste sentido, White (2009), as relações de namoro faculta ainda aos sujeitos oportunidades de companheirismo, estatuto, experiências sexuais e de resolução de conflitos.

Para Nascimento (2009), a relação de namoro como análoga à dos cônjuges “é necessário que exista uma relação estável em termos de afectos e sentimentos, um projecto de vida em comum, justificativo de uma expectativa recíproca (...) de um dever acrescido de respeito e abstenção de condutas lesivas da integridade pessoal do parceiro.

Apesar das definições existentes sobre as relações de namoro serem semelhantes, não existindo uma grande amplitude entre as características envolventes, deve-se ter em consideração que as relações de namoro nem sempre são entendidas da mesma forma. Existem variáveis específicas que contextualizam estas relações de uma forma diferente.

2.2.2. Padrões sociais

Na perspectiva de Thomas (1993), padrões sociais devem ser vistas como sendo o combinar de todas as formas de percepção, pensamento, julgamento e comportamento que numa dada cultura são considerados como normais, auto evidente, típico e obrigatório. Assim, as normas sociais determinam a forma como interpretamos o nosso próprio comportamento, bem como o comportamento dos outros.

Padrões sociais podem ser entendidos como o conjunto de normas, costumes, regras e ideias intrínsecas a uma sociedade. Onde, o indivíduo depôs de nascer é ensinado a se comportar devidamente dentro da sociedade na qual está inserido como sustenta (Teixeira, 2006).

Para Richman (1994), os padrões sociais são estruturados pela sociedade na qual, diz o que é certo ou errado e o que devemos e não devemos fazer. Assim, são considerados “básicos”, e aplicam-se a uma variedade de situações que determinam a percepção, o pensamento, o julgamento e comportamento de um grupo de indivíduos”.

Diante destas definições, podemos afirmar que padrões sociais devem ser entendida quando um indivíduo nasce e apreende novos conceitos e acções em âmbito familiar onde foi treinado conforme o padrão social da sua família.

Capítulo III. Metodologia

Nesta parte do trabalho apresentamos meios de trabalho científico aos quais recorreremos para a materialização empírica do presente trabalho, a destacar os métodos de estudo, as técnicas de recolha de dados e construção da amostra, bem como os constrangimentos enfrentados.

Inicialmente, interessa-nos afirmar que adoptámos uma abordagem qualitativa para a realização deste estudo, tendo consistido, de uma forma geral e operacional, na construção do nosso objecto de estudo a partir de aspectos recolhidos da própria realidade dos jovens e adolescentes. Ao recorreremos a pesquisa qualitativa tivemos como base a ideia segundo a qual as relações sociais são uma forma de sociação, o que faz com que estejam constituídas, de um lado, por conteúdos, isto é, interesses e motivações individuais e, do outro lado, por valores e princípios objectivados com base nos quais elas são orientadas.

Desta forma, a interpretação da construção das relações de namoro passa pela compreensão dessas duas dimensões conjuntamente, decifrando os elementos divergentes e convergentes, uma vez que, assumem significados atribuídos e partilhados pelos indivíduos ao longo da sua interacção. Ao longo da realização da pesquisa, destacamos e combinamos essas dimensões, o que está reflectido na forma como analisamos, interpretamos e discutimos os dados.

3.1. Método de abordagem

Recorremos ao método de abordagem hipotético-dedutivo. De acordo com Marconi & Lakatos (2009), este método permite a construção e teste de um modelo de análise produzido com base na combinação de uma observação directa da realidade empírica e de resultados de outros estudos já realizados ou princípios teóricos já validados em outros contextos. O seu objectivo é confrontar os dados intuitivamente obtidos e resultados de outros estudos para a construção de um modelo de análise hipotético com os dados empíricos. Buscamos, com efeito, a partir de dados empíricos quantitativos, testar essa hipótese.

Escolhemos este métodos, uma vez que na literatura consultada discute-se apenas a questão da relações de namoro sem relaciona-la com os atributos que influenciam a escolha do parceiro. Desta forma, foi necessários conciliar essa discussão com alguma informação que fomos obtendo ao longo da construção do projecto de pesquisa que embasou o presente estudo.

3.2. Método de procedimento

Como método de procedimento recorremos a fenomenológica que, de acordo com Berger e Luckmann (2004), é puramente descritivo. Gil (2008), afirma que a redução fenomenológica consiste em retratar o que é dado imediatamente na consciência dos indivíduos, levando estes a entrar na sua memória e pensar sobre suas próprias experiências. Por este processo podemos perceber a forma como os actores sociais constroem e atribuem significados a esta realidade. Este método está integralmente em conformidade com o nosso quadro teórico, pelo que a sua escolha resulta do recurso a teoria fenomenológica de Schutz.

Ao escolhemos este método, pela possibilidade que oferece de fazer uma leitura de todo o percurso de vida das adolescentes e jovens, na medida em que nos permitiu leva-las a voltar as suas experiência passadas e presentes para identificar aqueles elementos. Assim, foi possível identificar os significados que os entrevistados atribuem as relações de namoro e explorar o contexto no qual estes significados são construídos e partilhados sem perder de vista a centralidade das adolescentes e jovens na compreensão da realidade social.

3.3. Técnicas de recolha de dados

Recorreremos à entrevista como a única técnica de recolha de dados do trabalho, porque permitiu explorar os diferentes aspectos da vida social como uma profundidade necessária para o nosso estudo, possibilitando-nos partir das adolescentes e jovens de modo a perceber os aspectos por elas valorizados como estando em jogo nas suas relações.

Richardson (2003), concebe a entrevista como uma técnica que consiste numa conversa aberta entre o entrevistador e o entrevistado, sendo que o primeiro orienta o segundo a responder questões e tecer comentários em torno de alguns tópicos que lhe vão colocados. A entrevista dirigida visa assegurar a liberdade discursiva dos entrevistados, conduzindo a responder as perguntas com profundidade, pelo que permite a intervenção pontual do entrevistador com novas questões. Escolhemos a entrevista por ser uma técnica essencialmente qualitativa. Dentre as existentes, optamos pela dirigida por permitir-nos combinar a liberdade de articulação do entrevistado com a profundidade. Esta técnica permitiu obter dos entrevistados o maior número de informação possível ao abrir espaço para novas questões a serem feitas pelo investigador.

Realizámos as entrevistas durante duas semanas, de 20 de Maio a 3 de Junho de 2021 na cidade de Maputo, especificamente nos bairros do Jardim, Polana Caniço e Maxaquene. As entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos a 1 hora cada e foram administradas em locais indicados pelos próprios adolescentes e jovens nos seus bairros. Locais nos quais os entrevistados sentiam-se a vontade para falar sobre assunto, uma vez que, trata-se de uma questão que toca com a sua intimidade, pelo que foi importante assegurar que fosse em um lugar onde ficássemos isolados sem que estivesse outra pessoa a acompanhar a conversa.

Fizemo-nos ao campo durante todo o período do dia, isto é, outros dias íamos de manhã e, noutro, de tarde, dependendo da disponibilidade dos adolescentes e jovens, pois tivemos antes de acordar com eles o dia e o período do dia em que estariam livres e dispostas a falar sobre a questão que iríamos conversar. Com a anuência dos entrevistados, recorremos ao telemóvel para registar as entrevistas e só depois transcrevemos para o computador, tudo em alto sigilo para garantir que a informação não fosse de acesso de terceiros.

3.4. Universo e amostra do estudo

O nosso universo populacional foi constituído por Adolescentes e jovens de ambos os sexos que estejam envolvidos em um relacionamento afectivo. Quanto à amostra, seleccionamos os casos a estudar com base na amostragem convencional. De acordo com Gil (2008), a amostra convencional permite seleccionar e estudar os elementos da amostra qual se é possível ter acesso, considerando as condições de acesso existentes no campo de estudo. Isto possibilita que o investigador não tenha conhecimento profundo sobre as características da amostra.

Com base na amostragem convencional, seleccionamos e trabalhamos com os adolescentes e jovens que estiveram presentes e acessíveis para participarem do estudo, manifestando a sua abertura para facultar a informação requerida por meio da entrevista. Entrevistamos um total de 13 adolescentes e jovens de ambos os sexos, e que fomos condicionados pelo acesso e disponibilidade das Adolescentes e jovens que íamos contactar para melhor compreensão do nosso objecto de estudo.

3.5. Questões éticas

As questões éticas são princípios a serem observados na investigação científica, especificamente nas ciências sociais, principalmente quando se trata de um tema ligado, até certo ponto, ligado à

intimidade dos indivíduos e quando os sujeitos envolvidos são adolescentes, considerados uma categoria sobre a qual os mais velhos procuram exercer poder. Com efeito, tivemos a necessidade de observar os seguintes princípios éticos: *consentimento informado, anonimato, confidencialidade e o direito a intimidade e a privacidade*.

O consentimento informado foi um princípio cuja observação consistiu na transmissão de toda a informação relevante sobre o estudo aos entrevistados, como o tema em estudo, os objectivos da pesquisa, a finalidade da pesquisa, os direitos que eles tinham de aceitar ou rejeitar participar da pesquisa, a liberdade que tinham de abandonar a entrevista quando entendessem ser conveniente, a liberdade que tinham de não responder algumas questões, bem como a obrigação que tinham de responder as questões dizendo a verdade. Assim, todos os sujeitos participaram conscientes dos seus e obrigações sem que tenham sido sujeitos a qualquer forma de coerção.

O anonimato foi assegurado por meio do recurso as variáveis sexo, idade e tempo envolvimento na relação actual. Assim, conseguimos evitar que qualquer outra pessoa que não tenha estado envolvido na pesquisa consiga associar a informação em analisada às identidades dos adolescentes e jovens entrevistados.

A confidencialidade foi o princípio cuja garantia foi possível por meio da limitação das pessoas envolvidas na pesquisa e da conservação da informação em locais nos quais só essas pessoas tinham acesso. Uma vez que, para além da autora do estudo, esteve envolvido colega com quem se foi ao campo e o supervisor, só os dois primeiros tiveram acesso directo aos dados em estado bruto, pois foram os que realizaram o trabalho de campo.

O direito a intimidade e a privacidade foram assegurados, na medida em que informamos aos entrevistados que tinham a liberdade de não responder questões que entendessem ser inerentes à sua intimidade e que não podia ser partilhados na pesquisa. Desta forma, evitámos qualquer pergunta que pudesse levar os adolescentes e jovens a concederem respostas que não tinham interesse de facultar por compreenderem ser questões íntima e ligadas à sua privacidade.

Capítulo IV. Análise e interpretação dos dados

Neste tópico, trazemos a apresentação e análise dos dados obtidos cuja interpretação realizamos com recurso à teoria de Berger e Luckmann (2016), designada de Construção social da realidade. Organizamos a nossa exposição em quatro tópicos sequenciados da seguinte forma: i) perfil socio-demográfico dos entrevistados, ii) atributos do tipo ideal de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens; iii) descrever os valores e regras que orientam a constituição das relações afectivas entre os adolescentes e jovens e iv) situações sociais que condicionam a constituição das relações afectivas entre os adolescentes e jovens na escolha do parceiro ideal.

4.1. Perfil sócio-demográficos dos entrevistados

Para uma melhor contextualização dos entrevistados com os quais trabalhamos, apresentamos nesta parte do trabalho, os dados referentes ao seu perfil socio-demográfico.

Entrevistamos, como referimos antes, com um total de 6 adolescentes e jovens. Estes estão agrupados em duas categorias sexuais, sendo que três são do sexo masculino e três do sexo feminino. Onde 3 têm 16 anos de idade, 3 tem 17 anos idade, 4 tem 18 anos, e 3 tem 20 anos de idade. Todos encontram-se a frequentar o ensino geral, especificamente a 9ª classe, 10ª classe e nível superior incompleto (licenciatura), nas escolas secundária da Machava Sede, Zedequias Manganhela, Josina Machel e Universidade Pedagógica (UP). Os bairros em que residem os nossos entrevistados são do Jardim, Polana Caniço e Maxaquene. Todos os adolescentes entrevistados encontram-se envolvidos numa relação de namoro actualmente, embora o tempo de envolvimento seja diferente. Alguns estão a namorar pelo menos há 1 ano, outros há 6 meses, outro ainda, há apenas 3 meses.

De acordo com os dados acima descritos, o nosso grupo de entrevistados é constituído por adolescentes e jovens com características heterogéneas, tomando em consideração as variáveis que operacionalizamos para traçar o seu perfil sócio-demográfico. Os únicos pontos que os assemelha a todos é o facto de serem adolescentes e jovens, considerando a faixa etária e de estarem a frequentar o ensino médio e superior.

4.2. Os atributos do “tipo ideal” de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens.

Neste primeiro tópico, discutimos os dados referentes aos atributos para a escolha do “tipo ideal” de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens, assumindo que em todos os casos ocorre a troca de afecto e companheirismo. A partir dos dados, construímos três categorias de interpretação: a escolha do parceiro com base na profissão, beleza e amor.

4.2.1. Atributos da escolha do parceiro: profissão

Nesta parte do trabalho, dedicamo-nos à análise e interpretação dos dados referentes aos atributos que os adolescentes e jovens definem, defendem para a escolha do parceiro com base no futuro profissional para a construção das suas relações afectivas no namoro. Os adolescentes e jovens não são uma categoria social homogênea, pelo contrário, vivenciam experiências diferentes, têm diferentes visões do mundo, crenças, etc (Pais, 1999). É em função disso que consideramos normal que nos tenhamos deparado com um caso *sui generis*, como podemos observar a seguir:

“Sou flexível, mas tem que ter uns requisitos básicos, não pode ser uma pessoa que não te passe confiança por exemplo, tem que ser uma pessoa que pense parecido, tu não pode ficar com uma pessoa que não quer trabalhar, não quer estudar”. (Adolescente masculino de 17anos, 6 meses na relação).

“Para mim, escolher uma namorada tem que estar formada e trabalhando que não dependa do homem. Isso ajuda porque os jovens saem a ganhar, pois não se sentem os únicos a sustentar a relação. Isso é bom, é relação em que todos se gostam de verdade.” (Jovem Masculino de 19 anos, 1 ano na relação).

Nestes depoimentos, os entrevistados afirmam que deve-se envolver com pessoas que lhe garanta boas condições de vida, sendo a condição *sin quo non* para que a relação seja conservada. A materialização do valor patente no parágrafo anterior pode seguir duas lógicas. A primeira é futurista e consiste no envolvimento com uma pessoa que demonstre possuir um potencial progressivo para oferece boas condições de vida futuramente. Assim, o investimento a adolescente na relação aguardando pelo seu retorno momento posteriores. Contudo, esta lógica, no seio dos adolescentes e jovens com os quais trabalhamos, limitam-se num dever ser, pois estes

preferem enveredar pela segunda lógica, a que designamos de presentista pelo facto de o retorno em troca do investimento ter que imediato.

A forma como caracterizamos a realidade social alheia é uma coisa e outra é a forma como interpretamos as nossas próprias experiências. Falamos em crise de subjectividade nos termos colocados por Berger e Luckmann (2014). De acordo com esses autores, este processo ocorre quando os actores sociais são obrigados a interagir com uma estrutura social radicalmente diferente da estrutura social com base na qual construíram a sua subjectividade, sendo obrigados a se adaptar às novas condições estruturais.

4.2.2. Atributos da escolha do parceiro: Beleza

Entramos nesta secção com a discussão sobre os dados referentes a escolha do parceiro com base na beleza. Na secção anterior observamos que os entrevistados possuem a percepções sobre a escolha do parceiro ideal com base no futuro profissional. A seguir procuramos interpretar as experiências que confirmam essa escolha ao longo do processo da busca por um parceiro ideal para relações afectivas.

Convidamos os entrevistados a descreverem as experiências pelas quais passaram a longo da procura pelo parceiro ideal na construção de relações afectivas, o que nos permitiu constatar que a beleza é o elemento fundamental para a escolha, como podemos verificar a partir dos depoimentos seguintes:

“A primeira coisa que tu procura é a beleza, mas isso pra mim não é tudo. Eu procuro também uma pessoa que tenha emprego, objectivo de crescer na vida, e que tenha estabilidade, pois eu não me vejo sustentando marido”.
(Adolescente feminina de 18 anos, 6 meses na relação).

Eu me preocupo com o físico da pessoa, tem que ser uma fofinha e bem bonita. O dinheiro não é tudo, tem que ter amor e muito mais a beleza da parceira, isso conta muito. (Jovem de 20 anos, 1 ano na relação).

De acordo com os depoimentos acima, observa-se que apenas em dois casos, que vivenciam relações eventuais, priorizam, na escolha de um parceiro, a beleza como forma de aceitação na relação afectiva. Assim, podemos perceber que a escolha dos parceiros passou a ser pautada pela atracção física, levando em consideração os ambientes que propiciam os encontros entre eles.

Neste sentido, a forma como os entrevistados interpretam depende das suas próprias experiências, ou melhor, do seu *imprinting* cultural¹, que oferece, de acordo com Moscovici (2001), os critérios com base no qual eles seleccionam e contextualização a realidade sociais. Segallana (n.d) para sublinhar a ideia de que as questões de beleza circundam o mundo da obesidade de forma estigmatizante, demonstrando a crescente valorização do corpo magra como o sinónimo de belo.

Quanto aos adjectivos que lhes são atribuídos o parceiro ideal, revela o carácter dinâmico das representações sociais que os indivíduos constroem. De acordo com Berger e Luckmann (2016), as representações sociais são realidades dinâmicas que estão sujeitas a constantes transformações e resignificações por parte dos indivíduos em função do contexto dentro do qual encontram-se inseridos e que não captam todos os aspectos da realidade. Ao contrário, procedem por delimitação e recorte, seleccionando os aspectos que valorizam. Deste modo, enquanto alguns seleccionam a questão estética, outros apontam para a questão do companheirismo, aumento de escolarização e frequência a cursos, escolas e faculdades; a necessidade de profissionalização para ambos os sexos – esta selecção é relevante, podem incidir sobre aqueles aspectos para os quais os outros prestam mais atenção.

4.2.3. Atributos da escolha do parceiro: Amor

Neste tópico, discutimos os dados referentes aos atributos para a escolha do parceiro com base no amor. O amor constitui um elemento inerente a escolha do parceiro no relacionamento afectivo entre os adolescentes e jovens ao qual se atribui um lugar de relevância neste espaço, como podemos ver a partir dos depoimentos que apresentamos a seguir:

“Afecto e companheirismo é bom em qualquer relação. Como mulher então, é fundamental, quero ser amada, protegida (...) quero ser feliz.”
(Adolescente feminina de 17 anos, 6 meses na relação)

“ (...) a parte amorosa e os sentimentos, que quase ninguém fala, são mais importantes”. (Adolescente feminina de 16 anos, 3 meses na relação).

¹ Aqui estou utilizando esse termo como uma impressão, marca firmemente fixada na mente de um indivíduo, que lhe impõe um conformismo cognitivo.

“Companheirismo é fundamental mais do que dinheiro até alguns homens perdem suas mulheres porque falta essa componente. (Adolescente masculino de 17 anos, 3 meses na relação).

“O companheirismo é muito importante para escolher um parceiro, algumas vezes, vai-te ajudar e você também está apta a ajudar aquela pessoa e poder passear, é como se fosse um lazer, um período de lazer, que ao longo de todo o estresse, da faculdade e das coisas extra-curriculares que você tem que fazer, então é a pessoa com quem você vai sair, passear. Alguém que se encaixe na minha vida, que não vai-me atrapalhar nas minhas actividades.”
(Jovem feminino de 20 anos, 1 ano na relação).

Operacionalizamos o conceito de amor, destacando como suas componentes o afecto e o companheirismo. Como podemos ver acima, os adolescentes e jovens entrevistados, tanto homem como mulher, interpretam o amor como uma experiência boa de ser vivenciada. Mais do que isso, ao amor é atribuída uma relevância fundamental para que se possa construir, reproduzir e conservar um relacionamento amoroso.

Nos depoimentos expostos acima se assiste uma partilha de posicionamento entre as jovens mulheres quando à supervalorização do amor em comparação com o dinheiro, assim como quanto à tendência do amor tender a ser substituído pelo dinheiro. De uma forma ou de outra, os adolescentes e jovens escolhem seus parceiros para um relacionamento amoroso na busca de companheirismo e afecto.

Os dados revelam que, companheirismo é um aspecto relevante na relação entre os adolescentes e jovens. Neste sentido, Giddens (1993), afirma que o amor romântico é caracterizado pela existência do companheirismo, do diálogo, da preocupação, um com outro. O amor mostra-se como uma construção social, que é transformada a cada dia nas sociedades, de acordo com Berger e Luckmann (2004), realidade é simultaneamente objectiva e subjectiva e estas duas formas de perceber a realidade devem ter em conta ambos aspectos e obedecer a três momentos dialécticos decorrentes na sociedade: a interiorização, em que o mundo social objectivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização, objectivação e exteriorização, onde o homem e o seu mundo social actuam reciprocamente um sobre o outro.

4.3. Construção das relações afectivas entre adolescentes e jovens

Nesta secção, apresentamos a análise e interpretação dos dados eferentes a construção das relações afectivas entre os adolescentes e jovens afirmam que realizam através de valores e regras. O objectivo é perceber como as diferentes formas de combinação destes dois factores, associados que identificamos, conduz a diferentes experiências nas relações de namoro. Nesta secção parte do trabalho, dedicamo-nos à análise e interpretação dos dados referentes às

Para os nossos entrevistados, existem regras e valores que são aplicados para a manutenção do relacionamento. A seguir apresentamos, depoimentos que expressam os posicionamentos dos adolescentes e jovens entrevistados com relação aos valores que caracterizam a constituição dos relacionamentos afectivos no Moçambique contemporâneo:

“O que se vive é muito estranho hoje em dia, o homem vê a mulher como instrumento de prazer sexual e a mulher vê o homem como fonte de dinheiro e bens para a satisfação das suas necessidades, se isso não acontece, há-de vir que um dos dois há-de abandonar a relação.” (Jovem masculino de 20 anos de idade, 1 ano na relação)

“Devia haver respeito entre as pessoas, consideração, mas não é o que acontece. Tanto mulher como o homem perderam respeito pelos valores. Um pode estar a se relacionar com mais de um parceiro ao mesmo tempo, isso só tem doenças como resultado.” (Jovem feminino de 19 anos de idade, 3 meses na relação)

“As coisas mudaram muito hoje para o melhor e para o pior. Digo para o melhor porque a mulher se tornou mais autónoma e mais independente do homem na relação. O homem também respeita a mulher por isso não procura dominar como se ela fosse seu objecto. Falo de pior porque os relacionamento não são duradoiros, buscamos mais prazer, vemos o sexo como desporto, os relacionamentos, como dizem, leva-se na desportiva. A busca de casamento não é mais um fim” (Jovem de 20 anos de idade, 1 ano na relação)

Existe uma percepção generalizada sobre a mudança de valores no Moçambique contemporâneo quanto aos relacionamentos amorosos juvenis, assumindo que estas são apresentadas características distintas das que predominavam. Os valores apontados são, só para recitar alguns mencionados, a construção do parceiro como instrumento ou de satisfação sexual, ou como meio de gerência de bens materiais. Afirma-se, igualmente, a desvalorização da própria relação quando ao envolvimento afectivo e ao futuro que se pretende materializar.

Esses posicionamentos reflectem juízos de facto, na medida em que os entrevistados se referem a forma como os fenómenos (relacionamentos afectivos) estão a ocorrer. No entanto, podemos ver, ainda nesses depoimentos, os juízos de valores que, de acordo com Rocher (1989), reflectem ideia sobre o que a realidade deveria ser. É neste sentido que interpretamos as alegações segundo as quais os adolescentes e jovens devem pautar por respeito mútuo nos seus relacionamentos amorosos, bem como não se envolver com mais de um parceiro ao mesmo tempo.

As mudanças são imanentes aos próprios fenómenos sociais², porém os sentidos que assumem essas mudanças podem ser vários. É o que verificamos no terceiro depoimento dos anteriores, em que se afirma que as transformações ocorrem nos valores referentes aos relacionamentos afectivos no Moçambique contemporâneo, conduzem a uma realidade social na qual as mulheres se tornam mais autónomas e independentes do homem. De facto, é um facto sociologicamente comprovado que a mulher, de um lado, esteve durante muito tempo à dominação masculina (Bourdieu, 2001), mas, do outro lado, está, cada vez mais, a conquistar a sua autonomia na sociedade no geral (Touraine, 1994), e nos relacionalmente amorosos especificamente.

Em função do exposto, podemos afirmar que os entrevistados caracterizam os valores que praticados nos relacionamentos afectivos/amorosos entre os adolescentes e jovens como sendo heterogéneos e como assumindo diferentes sentido, pelo que, os adolescentes e jovens têm diante de si o rol de valores aos quais podem aderir e praticar nas suas relações. Foi neste sentido que procuramos saber dos nossos interlocutores, quais deste valor eles praticam nos seus relacionamentos. Alguns dos posicionamentos estão expressos nos depoimentos seguintes:

“Não é tão fácil de dizer assim porque o que deve ser e é para mim pode não ser para o meu parceiro. Eu respeito a ele, só me relaciono com ele e estou nesta relação porque acredito que a relação tem futuro, se não fosse isso,

² É o que se defende no princípio dialéctico da mudança constante. Para aprofundamento pode-se consultar Marconi e Lakatos (2003) com relação ao método dialéctico.

não estaria com ele.” (Adolescente feminina de 16 anos de idade, 3 meses na relação)

“Cada um é autónomo, tem a sua própria vida basta que haja respeito um com o outro, deve decidir sobre as questões da relação. Já não é tempo em que homem deve decidir tudo pela mulher e ela fazer, o que não quer dizer que ela tenha que fazer o que quiser. Tudo nós propomos, discutimos e negociamos até chegarmos a uma ideia comum.” (Jovem de 20 anos de idade, 1 ano na relação)

No primeiro depoimento, o respeito mútuo, o envolvimento em apenas um único relacionamento afectivo e a construção de uma relação com vista a sua realização futura são alguns dos valores praticados. Já no segundo depoimento reflecte uma situação diferente do primeiro, na medida em que os valores privilegiados são a autonomia própria e o reconhecimento e respeito pela autonomia do outro, a importância da negociação e partilha entre os jovens parceiros. O que se interpreta neste caso é a adesão dos adolescentes e jovens aos valores que visam promover as relações de género igualitárias, sendo que, dentro da relação afectiva, tanto o homem como a mulher tem o direito de participar activamente na definição do rumo do relacionamento e de orientar a sua própria vida.

Não se trata, necessariamente de uma relação de dominação da mulher pelo homem, todavia vê-se que assume a posição de autonomia quanto aos seus envolvimento na relação amorosa em causa, podendo conduzir as suas acções com relação ao seu parceiro de acordo com os seus próprios interesses, pelo que condiciona a manutenção do relacionamento à satisfação dos mesmos. Na reflexão de Giddens (1997), designa-se de transformação da intimidade para mostrar a realidade social dentro da qual a mulher vem se tornando autónoma ao ponto de construir seus próprios interesses e entrar na relação amorosa sem se deixar subter ao seu parceiro, o que concorre para que se sinta a vontade em abandonar esse relacionamento quando este não lhe ser mais vantajoso.

O quadro que construímos anteriormente mostra que do mesmo modo que os entrevistados caracterizam a sociedade como está apresentando diferentes valores praticados nos relacionamentos amorosos, descreve as suas relações afectivas, também, de forma diferenciada, o que nos leva a assumir que os adolescentes e jovens aderem interiorizam e praticam diferentes

valores nos seus ambientes sociais. Ocorre aqui o que podemos designar de processo de individuação, na medida em que os adolescentes e jovens entrevistados seleccionam diferentes aspectos da estrutura social para a construção e orientação das suas relações afectivas.

4.3.1. Motivos que orientam a constituição das relações afectivas

Após a análise e interpretação dos valores, retratamos na sequência as regras que os jovens praticam na sua relação amorosa, começando, a semelhança do que fizemos acima com relação aos valores, pelas relações afectivas de um modo geral e só depois referimo-nos às relações específicas dos entrevistados. Ainda assim, a forma como são expressadas essas regras reflectem determinados valores, que procuramos explorar também. Os depoimentos seguintes reflectem o posicionamento dos interlocutores no que toca às relações amorosas entre os jovens nas sociedades contemporâneas, como podemos observar:

“Não existem regras, tudo depende de casal para casal. Está claro que o que os jovens gostam mais é de aparecer no lugar de ser, fingir que são felizes, postando fotos e sorrisos falsos para ganharem like³. Os jovens estão preocupados em ter, e acabam em relacionamentos falsos e de pouca duração.” (Jovem feminina 20 anos de idade, 6 meses na relação)

“No geral, os jovens querem dinheiro para construir, vestir, celular para fazer selfs⁴ e se mostrarem aos demais jovens. Somos da geração que quer mostrar, fingir sorriso, fingir que vive bem através do facebook. Isso é viver mal, a ilusão não traz nada de bom.” (Jovem masculino de 18 anos de idade, 3 meses na relação)

“Jovem só pensa em dinheiro, principalmente nós mulheres, queremos terreno, queremos cabelos, é por isso que dentre os jovens que não têm dinheiro, a maior parte é chifruda, só não sabem. Eles querem ver-nos lindas e cheirosas, pensam que vem de onde dinheiro para isso? É triste, mas é a

3 Optamos por conservar todos os termos que os jovens usam no seu discurso para descrever alguns aspectos da sua relação, visto que, a sua tradução poderia alterar o sentido que assume na realidade concreta dos entrevistados. Desta forma, procuramos esclarecer o seu sentido sempre que trazemos termos em outras línguas ou que reflectam calão. Neste caso, *like* é um vocábulo usado na internet que significa a partilha de algo (ideia, imagem, frases, etc) publicado nesse espaço virtual. Em tradução directa de inglês para português, significa gosto.

4 Fotos tiradas por meio do telefone celular com o objectivo, geralmente, de publicar nas páginas da internet, como *watsap*, *facebook*, etc.

vida. Não que eles não sejam amados, são amados, mas não têm dinheiro. Eu não julgo a ninguém, quem acha que se sente bem em namorar por dinheiro, força.” (Jovem feminina de 20 anos de idade, 1 ano na relação)

Existe uma ideia generalizada no seio dos jovens entrevistados e, de certo modo, depreciativa com relação às características que apresentam as relações amorosas dos jovens nas sociedades contemporâneas, dos motivos que os levam a envolver-se nessas relações, bem como das regras que regem essas relações. Podemos interpretar sequencialmente esses três aspectos.

Os relacionamentos amorosos são caracterizados como sendo de aparência, em que os jovens envolvidos fingem que estão felizes por meio de sorrisos falsos. O que está em causa é a ideia segundo a qual o que se observa nos jovens na sociedade não é efectivamente o que eles são. A possibilidade de construção de relações amorosas nesses termos de aparência é reforçada pela internet, espaço virtual em que os jovens buscam a legitimação desses relacionamentos por meio de *likes*.

De facto as características que os entrevistados apontam como sendo inerentes aos relacionamentos amorosos contemporâneos são teoricamente sustentáveis sob ponto de sociológico. Neste sentido Bauman (2004), fala de relacionamentos líquidos para referir-se a esse tipo de relação amorosa, em que os indivíduos se envolvem de forma superficial, sem haver entre eles algum compromisso que os mantenha presos aos seus parceiros. O autor afirma também que a internet reforça, estimula e sustenta esse fenómeno, permitindo que os jovens criem perfis aparentes por meio dos quais relacionam-se.

Na sequência, podemos interpretar os dados referentes aos motivos que levam os jovens a constituir e envolver-se nesses tipos de relacionamentos frágeis, isto de acordo com os nossos entrevistados. Estes apontam para duas razões, sendo a segunda a consequência da primeira: conseguir dinheiro para a satisfação das necessidades pessoais e somar maior número de *likes* possíveis na internet. Embora não possamos considerar que seja exclusiva, há que apontar para o facto de a primeira razão ser vinculada às mulheres especificamente.

A afirmação da inexistência de valores nas relações entre os jovens nas sociedades modernas pode ser interpretada de duas formas complementares. Primeiro, podemos considerar que os jovens vão construindo e aderindo a novos valores praticados nas suas relações afectivas, sendo que o não compromisso com relacionamentos sérios e duradouros se torna princípios aceites e

partilhados. Mas também, segundo, podemos apontar que dentro da mesma geração⁵ dos jovens os valores não são homogêneos, visto que, dentre os nossos entrevistados, existem aqueles que reprovam essas formas de estar da juventude, embora alguns são menos críticos quanto à busca do dinheiro e da relação afectiva por aparência.

A forma como caracterizamos a realidade social alheia é uma coisa e outra é a forma como interpretamos as nossas próprias experiências. Os depoimentos seguintes revelam a descrição que os entrevistados fazem quanto às regras nas suas relações amorosas, como podemos observar:

“Eu não estabeleço regras porque, na verdade vivo o que vejo com vizinhos, parentes, amigos. É quase automático. Sou machista e assumo. Também, não dou dinheiro a minha namorada porque ela vai abusar e me achar matreco⁶. Em caso de algo importante, aí dou.” (Jovem masculino de 18 anos de idade, 3 meses na relação)

“Eu não tenho namorado, tenho amigos. Tenho um quota⁷ casado, que, na verdade, gosto dele, ele só me dá 3 mil meticais, mas gosto dele. A regra ele disse, é de eu não ligar para ele atoa porque é casado.” (Adolescente feminina de 16 anos de idade, 3 meses na relação)

Explícita ou implicitamente os adolescentes e jovens entrevistados reconhecem a existência de regras na sua relação. O que difere uma situação da outra é um facto de nalguns casos as regras não serem abertamente definidas e, noutras, estarem apresentadas de forma mais clara como mostram o primeiro depoimento e o segundo acima, respectivamente.

Nas situações em que as regras não são abertamente expostas, os entrevistados vivem a sua relação como um espaço intersubjectivo em que ambas as partes reconhecem o que se espera de si e também esperam que o seu parceiro aja de uma certa forma. Por exemplo, quando se refere que se procura fazer mais que o papel de mulher ou que se vive de acordo com o que vê dos outros, está-se a reconhecer o facto de existirem formas de comportamentos já estabelecidas que

5 Sem querer entrar em elaborações conceptuais, consideramos geração no sentido cronológico.

6 Termo usado no quotidiano para classificar um indivíduo, geralmente homens, que tenha medo de enfrentar ou lidar com o sexo oposto.

7 Termos usado para se referir a um indivíduo (homem ou mulher) com quem uma pessoa mais nova (homem ou mulher) se relaciona. Aquele(a) é quota para este(a).

estão sendo reproduzidas no seu dia-a-dia. A sociedade actua assim, como a fonte das regras em causas partilhadas entre os adolescentes e jovens.

No segundo caso, dos dois últimos, no qual a regra em referência foi abertamente exposta existe uma particularidade pelo facto de reflectir uma relação que se assume ser entre amigos de um lado, e, do outro lado, envolver uma pessoa casada. Desta forma, a regra em causa é de exigir que a relação referida pela entrevistada não prejudique a relação do seu parceiro com a sua esposa. Este caso reflecte, de forma mais clara, o que Simmel (2006), descreve como a constituição de relações recíprocas para referir que dois indivíduos rompem, de certa forma, com a esfera individual para constituir um quadro colectivo consensual cuja reprodução depende da aceitação das regras estabelecidas.

As regras existentes nas relações dos adolescentes e jovens podem ainda ser interpretadas a partir das narrativas dos entrevistados relativamente às acções levadas a cabo com vista a reprodução e conservação da relação na qual encontram-se envolvidos, como podemos ver a partir dos depoimentos seguintes:

“Meu parceiro pensa que dinheiro e sexo são o fundamental para que exista uma relação saudável. Ele não sabe que afecto me faz falta, por isso que arranjei outro que me dá o que ele não me dá.” (Jovem feminina de 20 anos de idade, 1 ano na relação).

“Está tentar conhecer-me, mas diz que sou muito difícil e frio, mas gosto dela, só não tenho paciência com mulheres, por isso ela reclama muito.” (Jovem masculino de 20 anos de idade, 1 ano e 6 meses na relação)

Podemos extrair mais regras que regem as relações afectivas dos adolescentes e jovens nos depoimentos acima de duas formas. Primeiro, buscando o que se diz que deve e está sendo feito e, segundo, o que não deve ser feito para conservar a relação. No primeiro plano, destacamos afirmações segundo as quais se estabelece que o parceiro deve conquistar, cozinhar e dar o que se espera dele. No segundo plano, aponta-se que não se deve reduzir a relação ao dinheiro, não se pode ser frio e difícil. Invertendo estas afirmações podemos colocar da seguinte forma: deve se dar mais do que dinheiro, amor por exemplo, deve-se ter paciência.

Essa forma de colocar os seus posicionamentos por parte dos adolescentes e jovens entrevistados mostra que eles entram para uma relação com expectativas que transportam consigo e são transformadas em exigências, especificamente, ao comportamento que se espera dos seus parceiros e parceiras. A não satisfação dessas expectativas é susceptível de transformar as relações em causa em espaço de conflito como se observa no segundo depoimento acima supracitados, em que se assistem reclamações por parte de uma das partes envolvidas em decorrência do comportamento da contraparte.

Longe de interpretar esses momentos de conflito como aspectos estranhos e exteriores às relações afectivas, dentro do nosso quadro teórico, somos levados a considerar como momentos de sociação, isto é, susceptíveis de levar os actores sociais a constituir e reproduzir quadros de interacção social entre eles. Ao longo desta análise e interpretação dos dados, demonstramos esta constatação a partir de outros dados.

A exteriorização é um processo do qual depende a comunicação entre os indivíduos em sociedade por permitir o acesso mútuo das subjectividades (Berger e Luckmann, 2016). Esse processo de exteriorização e partilha, que pode ocorrer por meio das vias acima interpretadas ou de ambas simultaneamente, é que permite a passagem da dimensão subjectiva dos adolescentes e jovens à objectiva da relação social como uma unidade, assegurando um relacionamento harmonioso.

Nesta parte do nosso trabalho, trouxemos dados que mostram que as relações afectivas vivenciadas pelos adolescentes e jovens, independentemente das suas características e motivações em causa são orientadas por interesses e regras que se espera que sejam cumpridas pelas parte envolvidas, embora muitos casos, essas regras possam ser latentes ou mesmo os entrevistados possam não ter consciência delas.

4.4. Factores que dificultam o estabelecimento das relações *afectivas*.

Entramos para esta última parte do nosso trabalho no qual nos dedicamos à discussão da formas como os adolescentes e jovens entrevistados procuram construir o seu relacionamento afectivo tomando como base a escolha do parceiro ideal, assumindo que em todos os casos ocorre a troca de afecto e companheirismo e de dinheiro. Os aspectos que dificultam o estabelecimento de relações afectivos, apontados pelos entrevistados, seriam: relacionamento interesseiro, relacionamentos breves e excesso de responsabilidade do parceiro.

4.4.1. Relacionamento interesseiro

Começamos a nossa discussão com os casos nos quais os adolescentes e jovens afirmam o facto de estarem envolvidos num relacionamento que designamos de interesseiro. O nosso interesse pretende-se especificamente pelos aspectos que dificultam a relação entre os adolescentes e jovens na busca de um parceiro ideal.

Os adolescentes e jovens desta categoria são aqueles que afirmam a sua preferência pelo dinheiro em comparação com o amor dentro do seu relacionamento, como podemos observar a seguir:

“Eu valorizo dinheiro na relação. Então não vale a pena estar com meu namorado se não me dá dinheiro. Claro que gosto dele, mas sem tacho, não há amor.” (Adolescente feminina de 17 anos de idade, 3 meses na relação)

“Eu tenho uma namorada que valoriza mais dinheiro e pensa que é tudo. Diz que não dou dinheiro como devia e que a relação vai terminar se eu continuar assim porque tenho que saber que a mulher tem suas necessidades que devem ser satisfeitas.” (Jovem de 20 anos de idade, 1 ano na relação).

Consideramos não ser necessário que ambos os parceiros assumam o mesmo posicionamento com relação à troca do amor pelo dinheiro para que consideremos um relacionamento afectivo como interesseiro. Para o efeito, basta que uma das partes assuma que o seu interesse centra-se no dinheiro, embora não descarte a presença do amor.

Nos depoimentos acima encontramos duas situações. Uma na qual a entrevistada assume que o dinheiro está em primeiro lugar dentro da relação e, a outra, em que o entrevistado aponta que é sua parceira quem coloca o dinheiro em primeiro plano em detrimento do amor. Desta forma, um

aspecto nos faz considerar essas relações como interesseiras: o dinheiro representa tanto a motivação para o envolvimento como para a conservação do relacionamento.

Os dois casos acima reflectem situações nas quais uma das partes assume um posicionamento dentro da relação que demonstra que o que lhe motiva para entrar e para permanecer na relação é a satisfação do seu interesse pelo dinheiro. Desta forma, o que lhe mantém envolvido na relação amorosa, condicionando a sua conservação é o facto de o parceiro lhe dar dinheiro, pelo que se este acto cessar, consequentemente, cessa também a relação.

O dinheiro é um recurso objectivo inerente aos relacionamentos dos adolescentes e jovens. É o que defende Russo (2011), quando afirma que, nas sociedades modernas, os relacionamentos se tornam cada vez mais impossíveis de existir sem a troca do dinheiro, o que acontece é que esse recurso vai sendo reinterpretado continuamente à luz dos quadros sociais e culturais de referência de cada indivíduo.

É preciso não dissociar o dinheiro do ambiente social que caracteriza a relação afectiva com risco de cair na ideia superficial de que ele implica o desaparecimento do amor. Os casos que analisamos nesta categoria mostram que o amor é também um recurso presente e que se relaciona como o dinheiro de várias formas. No entanto, somos levados a concordar com Garbin, Cenci e Luz (2015) e Amorim (2013), que apontam que a valorização do dinheiro conduz a secundarização do amor. Devemos apenas fazer uma pequena correcção: a secundarização não leva à inexistência.

4.4.2. Excesso de responsabilidade

De modo a harmonizar a nossa apresentação baseamo-nos nas mesmas variáveis que usamos na categoria anterior. Os adolescentes e jovens acreditam que o excesso da responsabilidade e do constante investimento em uma relação poderá dificultar o relacionamento.

De forma geral, os adolescentes e jovens temem investir no relacionamento e, depois, ser excluídas quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste. Então, desenvolve-se o medo de serem deixados para trás, excluídos e de investir em relacionamentos. Os depoimentos seguintes reflectem o excesso de responsabilidade que contribui para a dificuldade do estabelecimento da relação afectiva entre os adolescente e jovens:

“Hoje as coisas são outras, você investe numa relação amanhã sai frustrado. Agora a ideia é curtir a relação sem assumir qualquer compromisso sério. Eu sai de uma relação passada onde fui traído pela minha parceira por causa de gostar demais. Não que a agora eu não goste mas as coisas são bem diferentes. O que está em primeiro é eu curtir a ela e ela curtir a mim” (Jovem de 20 anos de idade, com 1 ano na relação)

“Talvez pelo excesso de responsabilidade ao assumir um compromisso sério, por isso preferem aventura. Quando tu assume um compromisso sério de viver junto com outra pessoa, tudo muda, a tua responsabilidade aumenta, por isso que acabam fugindo, querem só aventura.” (Adolescente masculino de 17 anos de idade, 3 meses na relação)

Os jovens envolvem também em relações de namoro para as quais não projectam nenhum futuro, sendo que centram o seu investimento e satisfação presente. Podemos interpretar as duas situações representadas pelos dois depoimentos acima de duas maneiras. De um lado, no primeiro depoimento a valorização do namoro como um espaço de aventura satisfação imediata está relacionada com a relação anterior na qual o entrevistado passou por uma decepção amorosa numa relação onde tinha pretensões futuras.

O termo “curtir” reflecte esse imediatismo e despreocupação para com o futuro. Não podemos considerar que o curtir significa ausência de sentimento, pois o próprio entrevistado sublinha que gosta da parceira. Porém, trata-se de uma inversão das necessidades por serem satisfeitas, no entanto, o “curtir” é a necessidade primordial por ser satisfeitas.

Do outro lado, no segundo depoimento o medo da mudança em suas vidas e de assumir maior responsabilidade é bastante salientado pelos jovens entrevistados. Diante desses relatos, cabe considerar a pesquisa de Costa (1998), comenta que, diante do medo de assumir tamanha responsabilidade no estabelecimento de uma relação e para se protegerem das inseguranças de um relacionamento causador de medo.

Podemos observar na posição de Giddens (1993), ao afirma que essa maneira imediata que se apresenta actualmente, é uma nova forma de estar e ser apresentada pelos indivíduos na modernidade tardia. Antes conduzidas pelo romantismo, os adolescentes e jovens contemporâneas privilegiam a sua autonomia, procurando evitar envolvimento profundos

sentimentalmente que a subjugavam ao poder masculino, o que facilita o seu abandono quando a sua auto-satisfação é posta em causa. Esta patente no primeiro depoimento dos dois acima a ideia segundo a qual a auto-satisfação é medida dos benefícios conseguidos com a manutenção da relação.

4.4.3. Relacionamentos breves: “ficar”

A terceira categoria refere-se a relacionamentos breves. Relacionamento é a capacidade, em maior ou menor grau de conviver ou comunicar-se com os seus semelhantes (Ferreira, 1999). É um processo dinâmico, que se desenvolve ao longo do tempo e se modifica conforme as etapas da vida, influenciado por normas sociais e aspectos culturais. Porém, sendo eles actualmente caracterizados como breves, são relacionamentos mantidos por um pequeno espaço de tempo, ou até mesmo precipitados, impulsivos.

A necessidade incessante pelo prazer e pela satisfação dos seus desejos leva os jovens a procurarem relações rápidas e superficiais. Entendendo assim que, procuram pessoas que possam ser o companheiro ideal, não para toda a vida, mas para aquele momento. Este posicionamento vem expresso nos depoimentos abaixo expostos:

“A maioria dos relacionamentos actuais são muito breves, só para “curtir”. As pessoas às vezes têm medo de se entregarem ao outro”. (Adolescente masculino de 16 anos de idade, 1 meses na relação).

“Actualmente estão muito imediatistas, as pessoas estão menos tolerantes e mais individualistas, não aceitando os “erros” do parceiro ou as discussões no relacionamento, buscando sempre o seu par perfeito, trocando seu parceiro constantemente.” (Adolescente feminina de 17 anos de idade, 3 meses na relação).

Conforme as respostas obtidas, identificamos que os jovens percebem a forma de se relacionar como uma forma líquida, descartável, como já mencionado no trabalho como característico da contemporaneidade. Assim, pode-se afirmar que, os relacionamentos afectivos estão manifestando a não aproximação das pessoas, a não criação de vínculos que perdurem por mais tempo, tornando assim os relacionamentos breves, e que estão voltados somente para a satisfação das necessidades e dos desejos na perspectiva de Birman (2001).

Portanto, a forma de relacionamento destes (entrevistados) estão se formando como o “*ficar*”, tendo como característica principal a rapidez, o contacto breve, a não exclusividade, o não compromisso, a descartabilidade das pessoas, e a não presença de sentimento. O amor mostra-se como uma construção social, que é transformada a cada dia nas sociedades. (Giddens, 1993), o “ficar” também possui regras e normas para acontecer e para serem transgredidas.

Em contrapartida, podemos relacionar esses breves relacionamentos à procura incessante do parceiro ideal. O desejo de estar com alguém que o complete, coexiste com a facilidade em desfazer relações e seguir buscando a próxima pessoa poderá ser sua “cara-metade”. Como assinalam Viera e Stengel (2012), a conquista da sensação de completude é um dos objectivos da procura, assim como uma das causas pelas quais os indivíduos de uma maneira geral, idealizam um cenário romântico, que permanece como um forte esquema para a vida amorosa.

Considerações finais

As relações amorosas são espaços de interacção social que atravessam todos os estágios da evolução das sociedades que vão assumindo diferentes configurações que se sucedem e coexistem nesses estágios. Analisamos alguns casos dessa forma de relacionamento entre os adolescentes e jovens neste trabalho, procurando compreender os padrões sociais de referência que os indivíduos usam para escolher o seu parceiro ideal.

Para o efeito, começamos por analisar os atributos para a procura pelo grande amor de sua vida, sendo a escolha do parceiro afectivo pautada em critérios que dizem respeito à possibilidade de completude e satisfação sem grandes dificuldades e diferenças. Na verdade, a diferença é que constitui a dificuldade no relacionamento.

valores aos quais os adolescentes e jovens aderem e praticam nas suas relações afectosas e/ amorosas. Os dados mostram que esses valores são diferentes quando os entrevistados se referem aos outros e quando se referem às suas próprias experiências. Referem que os outros adolescentes e jovens, no geral, tendem a aderir a valores de uma sociedade de consumo caracterizada por uma vida de aparência, falsidade, exibicionismo, interesse pelo dinheiro e de relacionamentos frágeis.

Quando se referem às suas experiências, embora afirmem a não existência de regras de relacionamento, a interpretação que realizamos mostra que tendem à reprodução dos papéis sociais tradicionais de homem e mulher, cabendo assegurar a estabilidade financeira da realização, e a estabilidade afectiva e sentimental.

A partir dos dados foi possível construirmos três categorias que podem dificultar a constituição das relações afectivas, uma caracterizada pela sobrevalorização das relações frágeis, outra pela sobrevalorização do dinheiro, e outra ainda, pelo excesso da responsabilidade no amor. É um facto observado que em todos esses casos o amor e o dinheiro estão presentes, variando apenas quanto ao lugar atribuído, bem como às modalidades de troca, que condicionam a ocorrência ou não de conflitos.

Para os adolescentes e jovens participantes dessa pesquisa, o amor e os relacionamentos amorosos na actualidade são vistos como um conjunto de valores e sentimentos percebidos de uma maneira recíproca entre os indivíduos envolvidos. Apesar das novas configurações

amorosas se titularem diversificadamente, podemos identificar a fragilidade no estabelecimento e manutenção dessas relações, passando pelo “ficar”.

Ao mesmo tempo, o “ficar com alguém” expande-se entre os jovens como um tipo de relacionamento fugaz e descompromissado, que tem a obtenção do prazer imediato e egoísta como principal projecto. Em síntese, os relacionamentos afectivos entre os jovens desenvolvem-se marcados por tendências cada vez mais narcísicas e intolerantes ao diferente e, neste sentido, fortemente individualistas, auto-referidos e autónomos.

Referências bibliográficas

- Amorim, A. N. de. (2013). *Relações customizadas: uma reflexão sobre o vínculo conjugal em condições pós-modernas*. Fazendo gênero 10, Desafios actuais dos feminismos, Florianópolis
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trans.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Berger, P., & Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade: um tratado da sociologia do conhecimento*. (E. d. Carvalho, Trans.) Lisboa: Dinalivro.
- Carpenedo, A. & Koller, N. de. (2004). *Relações customizadas: uma reflexão sobre o vínculo conjugal em condições pós-modernas*. Fazendo gênero 10, Desafios actuais dos feminismos, Florianópolis.
- Costa, S. (1998). *Romantismo e consumo na modernidade tardia*. Amores fáceis, Novos estudos CEBRAP, PP. 111-124.
- Ferreira, P. C. (1999). Amor e modernidade: a influência da sociedade de consumo nas relações amorosas. In P. C. Dias, *O desejo do homem moderno nas relações amorosas* (pp. 181-190).
- Garbin, A. Cenci, L. & Luz, A. M. (2015). *Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados*. n. 2, Contemporânea, pp. 117-138.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, A. (2004). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (4nd ed.). (M. Lopes, Trans.) São Paulo: Editora UNESP.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6 Edição ed.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record.
- Habermas, J. (1986). *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70.

- Kessler, C. S. (2 de Julio/Diciembre de 2013). Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo? *Sociedade e cultura*, pp. 363-374.
- Lima, M. M. (1999). Trajectórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. *Horizontes Antropológicos*, pp. 71-92.
- Magaço L. K. (2013). *Relacionamentos pessoais e sociais em adultos*. Maringá: Psicologia em Estudo, pp. 257-65.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2009). *Fundamentos de metodologia científica* (5 edição ed.). São Paulo: Atlas.
- Mills, C. W. (s/d). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Morin, E. (2008). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). *Dating Violence Among College Students: Key Issues for College Counselors*. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89
- Nascimento, F. S. (2009). Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência, entre jovens de grupos populares e camadas médias. Tese de Mestrado não publicada. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Pereira, I. da S. A. & Silva, J. C. (2013). *Escolha conjugal feminina: uma análise intergeracional segundo uma perspectiva crítica em psicologia*. Vol. 13. 3, Maringá: Psicologia em Estudo.
- Richman, B. (1965). *Significance of cultural variables*. *Academy of Management Journal* 8, 292-308.
- Rocher, G. (1989). *A acção social* (5nd ed., Vol. I). Lisboa: Editorial Presença.
- Russo, G. (2011). *Amor e dinheiro: uma relação possível?* Salvador: Caderno CRH, pp. 121-134.
- Schumitt, S. & Imbelloni, M. (2011). *Relações amorosas na sociedade contemporânea*. O portal os psicólogos.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Straus, M. A. (2004). *Prevalence of Violence Against Dating Partners by Male and Female University Students Worldwide*. *Violence Against Women*, 10 (7), 790-811. DOI:10.1177/1077801204265552
- Teixeira, M. (2006). *Valores culturais e gestão internacional*. Universidade Presbiteriana Mackenzie 1, 1-21.
- Thomas, A. (2001). *Research into the influence of culture standards on behavior*, University of Regensburg.
- Touraine, A. (1974). *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Viera, D. É. & Stengel, M. (2012). *Ambiguidade e fragilidades nas relações amorosas na pós-modernidade*. Vol. 2, . n. 13, *Intinerarius Reflectionis*, pp. 1-19.
- White, L. N. (2009). *Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários*.

Anexos

1. Guião de entrevista semi-estruturada para os adolescentes e jovens

I. Dados sociodemográficos

- 1) Sexo
- 2) Idade
- 3) Nível de escolaridade
- 4) Estado civil
- 5) Residência
- 6) Ocupação actual
- 7) Número de relacionamento
- 8) Tempo de envolvimento no último relacionamento
- 9) Filhos

II. Atributos do tipo ideal de parceiro produzido pelos adolescentes e jovens

- 1) Qual é a sua opinião sobre a existência de um parceiro ideal para um relacionamento afectivo? (*O que acha dos que pensam ao contrário do que diz?*)
- 2) Para si, quais são os atributos que devem apresentar o parceiro ideal?
- 3) Onde é que aprendeu sobre esse parceiro ideal?
- 4) Qual é o nível de relevância de cada um desses atributos? (*Descrição hierárquica do mais importante ao menos importante?*)

III. Valores que orientam as relações afectivas entre os adolescentes e jovens

1. Qual é o comportamento que esperas do seu parceiro ideal?
2. Qual é o comportamento que o seu parceiro exige de si?
3. Quais são as regras que vocês definiram para orientar o vosso relacionamento?
4. Como é que definiram essas regras?
5. O que é cada um deve fazer dentro da relação para garantir um bom relacionamento?
6. O que é que cada um tem feito para o outro para que tenham um bom relacionamento?
7. O que é que não se pode fazer dentro da relação?
8. O que é que não se deve fazer, mas se um de vocês fizer, pode-se perdoar e manter o relacionamento?
9. O que é que não se deve fazer, mas se alguém fizer, pode-se colocar em causa o relacionamento ao ponto de romperem?

IV. Descrever as situações sociais que condicionam a aplicação dos atributos para a escolha do parceiro ideal

1. Olhando para o contexto moçambicano, o que levaria um adolescente/jovem a se relacionar com alguém que não seja seu parceiro ideal? (Justifique)
2. No seu caso, quantos relacionamentos já teve com pessoas que não eram seus parceiros ideais? (O que levou a se envolver nesse relacionamento?)
3. Até que ponto o seu parceiro actual possui todos os atributos que considera no parceiro ideal?
4. O que é fez com que constitui-se um relacionamento afectivo com o seu parceiro actual?
5. Na história dos relacionamentos, como foram mudando os atributos que caracterizam o seu parceiro ideal? (Por que dessas mudanças?)